

# CORPO E CIDADE – ECOS DO *SITUACIONISTA* E DO *FLÂNEUR* NAS CORPOGRAFIAS DO PRESENTE

Autora: Doutoranda Andréa Maciel Garcia

Orientadora: Beatriz Resende

**Resumo:** O presente trabalho investiga os ecos arqueológicos da Intervenção Situacionista de Guy Debord e a perspectiva Benjaminiana do Flâneur como um *topos* para observação das tensões existentes entre corpo e cidade, e realiza uma análise de como estas tensões podem estar agindo e contribuindo para as *performances* de Intervenção Urbana.

A partir da noção de *corpografias* – processos de contaminação do corpo em deriva com as cartografias da cidade - o estudo analisa os elementos tempo e espaço, a luz de alegorias benjaminianas como ruína e melancolia e cria oposições e conexões entre os relatos psicogeográficos dos situacionistas e as corpografias do presente.

**Palavras-chave:** Corpografias, Flâneur, Situacionismo, Performances de Intervenção Urbana.

## 1- O corpo errante das cidades.

A imagem de um corpo errante na cidade evoca uma série de personagens presentes no imaginário cotidiano: flanêurs, vagabundos, ambulantes, artistas interventores, loucos do tarô, badoucs, andejos, mundeiros. Passantes da cidade que tem em comum a arte de errar, mas que se distinguem por sentidos e destinos diferentes. A imagem é ampla e suas possibilidades também, portanto, para definir uma perspectiva de estudo deste corpo errante, irei me deter na análise sobre os pontos de contato existentes entre os situacionistas dos anos 1950 e o personagem do Flâneur revisto por Walter Benjamin em seus ensaios sobre Baudelaire.

O ponto de partida dessa investigação serão os relatos de uma escuta psicogeográfica (DEBORG, 1997) da cidade feita pelo situacionista Gilles Ivain (1953). Através dessa análise, pretendo pensar uma nova perspectiva de olhar para as relações existentes entre corpo e cidade nas Intervenções Urbanas contemporâneas.

“A arquitetura é o meio mais simples de *articular* tempo e espaço, de *modular* a realidade, de fazer sonhar” (JACQUES, 2003: 68). Tais palavras de ordem definem e justificam as ações de arquitetos, urbanistas e artistas que nos anos 1950 fundaram a Internacional Situacionista. O movimento, que teve Guy Derbord como um de seus principais colaboradores buscava - para além de suas reivindicações políticas contra a *espetacularização* do cotidiano - resgatar novas territorialidades e múltiplas formas de nomadismo. Contrários

ao funcionalismo abstrato da urbanística propunham apropriações da cidade através de uma participação ativa de seus transeuntes, e com isso rompiam com o modelo euclidiano que concebia o espaço como um lugar ocupado pelo corpo.

O presente trabalho elege a Intervenção Situacionista e a errância do Flâneur como um *topos* para observação das tensões existentes entre corpo e cidade, e realiza uma análise de como estas tensões podem estar agindo e contribuindo para as *performances* de Intervenção Urbana. Encontro, talvez seja a palavra exata para definir a natureza deste objeto, um encontro que convida seus agentes a refazerem suas próprias formas de distinção.

Ao tentarem se *desterritorializar* (DELEUZE, 1995), os corpos situacionistas são portavozes do desejo de invenção de novos espaços. Olhando este ato por seus aspectos internos observamos que há um trânsito de tensões, entre o que é do corpo e o que é da cidade. E é exatamente neste trânsito de tensões, que se evidencia uma apreensão estética reveladora de um olhar sobre as intervenções urbanas no contexto contemporâneo.

A deriva do Flâneur e do Situacionista define um corpo em contato com a cidade que não é mais exposto em função de sua idealidade plástica, mas que existe para atender uma necessidade de completude e de resignificação, ou seja, um corpo que se redefine a partir de um circunstancial que o domina. Já a escuta psicogeográfica situa a cidade não como contexto ou paisagem, mas como um personagem ativo deste encontro, aproximando-se neste sentido das imagens criadas por João do Rio para definir a alma das ruas da cidade “A rua nasce como o homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa do seu calçamento [...] A rua sente nos nervos a miséria criação” (RIO, 2005). A cidade, portanto é um ente simultaneamente vivo e imaginado em que se materializam os desejos desse corpo lacunar.

Embora tal encontro entre corpo e cidade seja recortado do contexto situacionista, ele não é somente visto como uma forma de combater ou resistir a *espetacularização* da cidade, mas principalmente como uma maneira de perscrutar um tipo de *alma encantadora* desta conjunção. Pois, se “em todo encontro observamos uma relação de atração, repulsão, indiferença, tédio” também observamos que “dos encontros acaba sempre por sair alguma atitude, alguma indicação de superação da morte, de manutenção da vida” (GARDEL, 1996).

“Balzac dizia que as ruas de Paris nos dão impressões humanas. São assim as ruas de todas as cidades, com vida e destinos iguais aos dos homens” (RIO, 2005). Tendo como foco o estudo dos elementos tempo e espaço, presentes no relato de Gilles Ivan e procurando seguir os destinos possíveis entre as junções das ruas e os corpos da cidade, unimos então a imagem das coreografias do corpo em deriva com as cartografias da ação de escutar a cidade e

chegamos à noção de corpografias (JACQUES, 2008). Corpografias que podem ser de ação sutil, ou violentas pelo ritmo frenético da cidade. Um *entre* agudo, não-casual e provocador de múltiplas distinções, portanto, ao mesmo tempo revelador de muitas relações que devidamente refletidas podem somar compreensões importantes pra os estudos de Intervenção urbana.

## 2- A psicogeografia de Gilles Ivain.

Andar pela cidade não tem graça, já não existe templo do sol. Por entre as pernas dos passantes, os dadaístas queriam encontrar a chave inglesa, e os surrealistas uma taça de cristal. Não deu certo. Sabemos ler nos rostos todas as promessas, derradeiro estágio da morfologia. A poesia dos cartazes durou vinte anos. Andar pela cidade não tem graça, é preciso fazer um tremendo esforço para ainda encontrar algo misterioso nas tabuletas de rua, última expressão de humor e poesia (IVAIN in cit. JACQUES, 2003: 67).

Gilles Ivain inicia o seu relato psicogeográfico - que ficará para história como um tipo de manifesto de orientação das vanguardas experimentais pós anos 60 - relendo algumas das tentativas surrealistas e dadaístas em suas perspectivas de articular arte e vida. Se os desejos de transformação do cotidiano pela arte, presentes nos manifestos Dadá de Tzara (1918) e Surrealista de Breton (1924), em alguma medida fracassaram, é inegável que deixaram também um rastro de inquietação, que é retomado pelos situacionistas. Uma retomada que se dá por meio de uma perspectiva de retirar, da fruição dos espaços urbanos, impulsos para reinventar práticas coletivas de criação artística.

Os situacionistas se identificavam como indivíduos dedicados a criar situações, ou, “momentos da vida, concreta e deliberadamente construída pela organização coletiva de uma ambiência unitária e de um jogo de acontecimentos”<sup>1</sup>, e viam na escuta da cidade, um princípio norteador de toda sua produção literária, urbanística e performática. A psicogeografia, ou modo de deixar o meio geográfico agir sobre os afetos e as sensações do corpo do indivíduo, gerava um tipo de escrita sensorial e permitia que as cidades fossem relidas por um mapeamento de sinais sensíveis que refazem sua fisionomia.

“Sabemos ler nos rostos todas as promessas, derradeiro estágio da morfologia”. Ivain continua seu relato destacando a falta de graça de ver nos rostos nada mais do que a sua forma: “Agora acabou. Não vemos nos olhos, nada além do que olhos que não olham”. O cidadão urbano de antolhos, que tanto incomoda Gilles Ivain, é igualmente citado por Benjamin em seus escritos sobre o flâneur de Baudelaire:

---

<sup>1</sup> Tradução do verbete *situação construída* publicado pela revista *Internacional Situacionista* em junho de 1958.

Antes do desenvolvimento dos ônibus, dos trens dos bondes do século XIX, as pessoas não conheciam a situação de terem de se olhar reciprocamente por minutos, ou mesmo por horas a fio sem dirigir a palavra umas as outras. A nova condição conforme reconhece Simmel, não é nada acolhedora. Já Bulwer instrumentou sua descrição dos habitantes da cidade grande em Eugene Aram, referindo-se a observação goethiana de que todo ser humano, tanto o mais elevado como o inferior, leva consigo um segredo que se conhecido o tornaria odioso a todos. As fisiologias eram perfeitamente adequadas para afastar como frívolas essas noções inquietantes. Representavam, se é possível dizer assim, os antolhos do *animal urbano bitolado* (BENJAMIN, 1989: 36).

Em seus estudos sobre o Flâneur, Benjamin estabelece uma série de relações com o trabalho de George Simmel, que observa nas relações dos habitantes das grandes cidades, uma predominância da atividade dos olhos frente à diminuição do sentido da audição.

O processo de urbanização traz consigo aceleração, surdez e um excesso de imagens que acaba por gerar uma espécie de cegueira, que Certaud (1996) também define como uma outra forma de conhecimento do espaço e da cidade. Certaud afirma que o transeunte acaba por conhecer cegamente o espaço, já que as imagens e disposições visuais da cidade não são mais facilitadoras de um olhar revelador.

Nosso psicogeógrafo continua então a perscrutar as perspectivas do olhar urbano e se desloca da morfologia dos olhos para o que é visto por eles: “é preciso fazer um tremendo esforço para encontrar algo misterioso nas tabuletas de rua”, e segue descrevendo as placas que se sucedem ao longo do caminho:

Banhos-Duchas dos Patriarcas, Máquinas de cortar carne, Zoológico Nossa Senhora, Farmácia dos Esportes, Mercearia dos Mártires,[...] e a estranha estátua do Dr. Philippe Pinel, benfeitor dos débeis mentais, nas derradeiras noites de verão (IVAIN, in cit. JACQUES, 2003: 67).

São nítidos os comentários românticos em meio às descrições geográficas da cidade. E há uma convivência constante entre a cidade visível e negada e a cidade idealizada. Afastando-se das placas, continua a perceber prédios, ruas, calçamento, e observa que o corpo então se constrange frente às ruas estreitas, às construções antigas. Diante da sensação de peso provocada por essas percepções, comenta:

Não é possível dar dois passos sem esbarrarmos em fantasmas cercados de todo prestígio lendário. Vivemos numa paisagem fechada cujos pontos de referência remetem sempre ao passado (IVAIN, in cit. JACQUES, 2003: 68).

A percepção dos sinais do passado e do futuro na cidade evoca mais uma queixa. Ao notar as construções novas, lamenta a invasão do abstrato na arquitetura e deprecia um “fator plástico” que só contribui para um estado de arrefecimento dos olhares. E é então que Ivain revela uma atitude quase primeva, em busca de uma terra ideal.

Todos hesitam entre o passado que vive no afetivo e o futuro que já nasce morto. Não prolongaremos as civilizações mecanizadas e a arquitetura fria que levam, afinal, aos lazes maçantes. Nossa proposta é inventar novos cenários moventes (IVAIN, in cit. JACQUES, 2003: 69).

São evidentes os aspectos que conectam o relato de Gilles Ivain com autores que releram a cidade sob o signo do automatismo, da industrialização e da atmosfera do capital. De Balzac a Baudelaire relido por Benjamin, ao próprio Benjamin ao criar a noção de vivência de choque, ou Baudrillard re-visitando a América em sua arquitetura de consumo, todos são unânimes em sublinhar os sintomas de embotamento e violência decorrentes desta condição. Embora as percepções e caminhos de análise de cada um tangenciem discussões diferentes, é clara a localização de um estado de tensão aguda entre os transeuntes e suas cidades, e o papel que o poético e a arte podem ter em revitalizar essa relação.

Na escuta psicogeográfica de Ivain há, portanto, uma série de projeções e articulações criadas a partir desse encontro, abrindo caminho para perceber como a intervenção da arte no urbano pode funcionar como um elemento capaz de gerar visibilidades sobre aspectos da vida cotidiana, que acabam por se tornar invisíveis pelo excesso de mecanização.

Da mesma forma, o Flâneur simultaneamente mistura-se e afasta-se da multidão, por uma atitude do olhar. Seu olho calmo e curioso captura as pistas e dicas que não são notadas pela maioria dos olhares nublados pelo ritmo do cotidiano, e dessa observação poética ele extrai matéria prima para sua produção criativa. Podemos entender o Flâneur como um narrador fluente do vocabulário de hieróglifos da cultura visual das cidades.

A percepção afetiva da cidade evidencia a falta. Uma falta que move o psicogeógrafo na direção de uma ação, como se a ausência de um objeto se transformasse em presença sensível. A cidade que se quer é a cidade que não se tem, e o corpo afetado pela escuta da cidade visível é o principal dispositivo para projetar as novas cartografias desejadas pelo passante.

O projeto situacionista, fundado em 1957, sofreu uma série de transformações ao longo de sua trajetória de atuações contra a espetacularização das cidades. Inicialmente preocupados em renovar a arte na sua relação com o cotidiano, seguiam ainda premissas surrealistas e dadaístas e se interessavam em ir além dos padrões vigentes da arte moderna.

Num segundo momento, a concepção de arte na cidade perde espaço para a compreensão de que não há uma arte capaz de transformar cidades, mas sim uma arte urbana que passa a se tornar o centro de todas as atenções situacionistas, expressas em uma série de publicações, atos públicos, ações políticas e manifestos. De 1965 à 1968 foram enviados a congressos, prefeituras e assembleias legislativas uma série de projetos e novas cartografias para a cidade.

À medida que foram comprovando a impossibilidade de construir novas cidades, passaram a negar completamente as cidades reais e a admitir a psicogeografia como uma ação ainda capaz de reinventar o espaço urbano. O conceito de psicogeografia então se amplia e passa a abarcar todas as interações de corpo e cidade. A ocupação de uma esquina, estabelecendo relações de prazer entre pessoas e espaços, já é considerada uma ação transformadora.

É interessante observar este percurso de atuação dos situacionistas para destacar os diversos níveis de representação da cidade. Desde os projetos de vanguarda para transformar o cotidiano, até chegarmos ao momento em que a ação entre corpo e cidade passa a ser mais valorizada do que qualquer outro projeto de transformação.

A imagem da cidade foi percorrendo uma longa queda. Da cidade como sede da arte, passando pela construção de projetos utópicos, à cidade experimentada pelos corpos de seus passantes. As investigações situacionistas contribuíram intensamente para a apropriação do espaço urbano a partir do lugar da experiência, uma experiência reveladora de faltas mobilizadoras.

Retomando a idéia do corpo situacionista como um objeto que se redefine por meio da experiência cidadina, podemos observar que o espaço vazio da falta é o que orienta suas ações e desejos de reinvenção do urbano. Nesse sentido, quanto maior forem os problemas existentes na cidade, maior será o empenho criativo do corpo em transpô-los. Benjamin sinaliza essa relação intrínseca entre os conflitos urbanos e o processo de conhecimento humano, ao se deter sobre a figura do flâneur.

Quanto menos segura se torna a cidade, tanto mais necessário para se viver nela – assim se pensava – esse é o conhecimento. Na verdade, a concorrência exacerbada leva o indivíduo a declarar imperiosamente seus interesses (BENJAMIN, 1989: 37).

A ação de errar pela cidade teria, assim, um dom de radiografar tais interesses expostos por Benjamin, que seriam muito mais reveladores do que os sinais evidentes de uma fisionomia urbana. O *flâneur* “não se nutre apenas do que está sensorialmente sob seus olhos, mas se apropria também do saber contido nos dados mortos (das ruas da cidade), como se eles fossem algo de experimentado e vivido” (ROUANET, 1993). O corpo que escuta pode desenvolver então formas inusitadas de responder ao ritmo acelerado da cidade, graças a uma percepção aberta. Além disso, os membros errantes também dão corpo à cidade pela simples ação de percorrê-la. A cidade deixa de ser um cenário espetacular no momento em que é vivida. Neste instante, o urbano é experimentado dialeticamente e passa a se inscrever no corpo como mobilizador de impulsos e trocas artísticas.

### 3- Flâneur e situacionistas: errâncias múltiplas de cidades.

Corpografias, encontros de corpo e cidade, cartografias do movimento, coreografias de mapas. Um *entre* agudo do homem urbano, que habita tanto o flâneur como o situacionista em psicogeografia, ambos passageiros da deriva ocupados com movimentos de olhar para a cidade que se diferenciam de maneira fértil. Ao acompanhar o psicogeógrafo Gilles Ivain pelas ruas de Paris, seus rastros foram inevitavelmente evocando a silhueta do flâneur, como um eco arqueológico da errância.

Embora separados por quase um século, flâneur e situacionistas estão unidos pela tarefa de perscrutar a cidade pela ação de percorrê-la. A corpografia de cada um atualiza de maneiras diferentes a cidade de Paris, e abre caminho para percebemos como o complexo jogo de corpo e cidade pode projetar arquiteturas imaginárias absolutamente distintas.

Se o flâneur de Baudelaire é um apaixonado pela vida das ruas e capaz de retirar do choque urbano a armação estrutural de sua poética, o situacionista é um militante da paixão intervencionista, em terra devastada pela banalização do consumo.

Entre o amor e o triturador automático de lixo, a juventude de todos os países prefere o triturador. Uma reviravolta completa nas mentes tornou-se indispensável.[...] Nada pode impedir que a vida nas cidades seja absolutamente apaixonante (IVAIN, in cit. JACQUES, 2003: 69).

O olhar apaixonado do primeiro não quer afastar nem as fisionomias que trazem consigo segredos odiosos, nem a estranheza dos que olham sem ver. O flâneur é um detetive da cidade, se ocupa da curiosidade de encontrar um detalhe revelador em situações aparentemente convencionais; ele fareja rastros, descobre correspondências e ama o que vê. É um detetive que é voyeur do outro. O situacionista, ao contrário, vê reconhecendo a falta do que queria ver, e imediatamente projeta a visão de uma cidade utópica, de um *não lugar* sobre o lugar.

De imediato, poderia se pensar que o situacionista quer recuperar o flâneur, voltar para um tempo em que o prazer e a euforia do crescimento urbano estavam aderidos à argamassa do calçamento. Contudo, esse retorno parece não bastar a um situacionista que quer expandir um presente por sobre passado e futuro, ao passo que o flâneur ainda se encanta recuperando e reinventando histórias antigas, a partir de ruínas de um passado ainda presente na cidade. Embora completamente envolvido pelo risco inesperado do jogo que é viver nas ruas, sabendo valorizar mais o reflexo automático, usando mais percepção do que memória, o flâneur ainda vê na ruína algo que recupera uma alma encantadora da cidade.

Para Benjamin o futuro tem prioridade e deixa paradoxalmente suas marcas no passado. Através do Flâneur, ele radiografa um eco do passado no presente (ruína) e presságio de futuro no passado. Este paradoxo nos põe diante da dialética da melancolia que se desdobra entre o impulso arquetípico do passado e a possibilidade de superação do futuro.

Se passado e futuro são para ambos representantes de significações quase opostas, a relação direta com a presentidade é igualmente produtora de tensões díspares. O flâneur simplesmente não tem pressa e se deixa envolver inteiramente pela vertigem dos acontecimentos. Está aberto à diversidade rítmica da cidade, e passeia da apreensão rápida à letargia sem oferecer resistência.

Já o situacionista sofre com a aceleração e reconhece a lentidão como uma das premissas essenciais para a ação de escutar a cidade. A lentidão situacionista é reativa, se identifica menos com a desaceleração do tempo do que com a resistência aos tempos da cidade, e segue uma tendência da projeção de um *não lugar* reivindicando um *não tempo*.

As variações destas corpografias evidenciam o movimento reflexo entre corpo e cidade. Flâneur e situacionista estão empenhados na ação de experimentar a cidade de dentro, permitir que ela inscreva no corpo impulsos mobilizadores para, em seguida, projetarem seus desejos de movimento e cidade. Esta dinâmica revela não só a trajetória de olhar de cada um, como a fisionomia das cidades que reinventaram seus corpos e percepções.

A cidade do flâneur vive a luxúria do urbano e uma euforia de futuro paralelo aos estranhamentos do mundo automatizado. O jogo da burguesia, tão criticado por Baudelaire ocupa cada vez mais os espaços públicos da cidade, mas ainda guarda uma tensão de opostos, que se evidencia entre os que vestiram a *casaca* moderna sob a égide do progresso urbano e os artistas à margem que ainda conservam sua graça.

Já a Paris, de Gilles Ivain, vive os excessos da produção industrial caminhando para o paradigma de uma vida refém do deus consumo.

O movimento do flâneur é de imersão e descoberta. Sua interação com uma Paris que vive o auge do exotismo do urbano, é de nutrir-se e embriagar-se com o que vive e o que vê. O flâneur conhece a cidade se reconhecendo dentro dela. Já o situacionista, impregnado pelas vanguardas, quer romper com o que vê e criar um novo utópico. Apesar de reconhecer na vivência de situações e na simples experiência da cidade uma atitude transformadora em si, não consegue identificar no processo de espetacularização e consumo nenhuma imagem positiva. É um antagonista do *status quo*, que se reconhece por sua resistência e diferença.

Não podemos esquecer, no entanto, que ambos os corpos estão envolvidos por um desejo de invenção poética, mesmo que um pela falta e outro pelo encontro. Há nestes registros, a criação de uma cidade pela arte de ver essa cidade. A leitura que podemos ter, tanto destes personagens quanto da cidade de Paris em épocas diferentes, está completamente inserida dentro da dimensão arte/ vida.

Um dos aspectos mais interessantes dessas corpografias - tanto na acepção benjaminiana de *flâneur* como na leitura situacionista, e que se conecta diretamente com a dimensão *live art* das *performances* de intervenção urbana contemporâneas - é a ênfase depositada na relação com o tempo e com a experiência. Segundo Greenberg (2004), o legado de Duchamp e as noções atuais de arte contemporânea se colocaram a prova da experiência. “O que concordamos em denominar como arte não pode ser decisiva ou definitivamente separado da experiência artística como um todo.”

#### **4- Outras corpografias: que corpo de cidade é esse?**

As reflexões sobre a corpografia do flâneur e do situacionista apontam para a evidência de que as tensões existentes entre corpo e cidade são reveladoras de impulsos criadores e renovações do olhar para o homem e para a cidade. Elegendo este encontro entre corpo e cidade como um lugar para se pensar a intervenção urbana, cabe indagar: como pensar estas cartografias no e pelo corpo, numa perspectiva contemporânea em que trânsitos entre cidades - o nomadismo e a mobilidade - assumiram um lugar central na experiência urbana, afetiva, profissional e cognitiva?

Vimos tanto no flâneur quanto no situacionista que o corpo constrói e procura suas redes para poder habitar com sagacidade os espaços percorridos. No corpo se inscrevem possibilidades e potencialidades de existência, que se evidenciam nos lugares que ocupa real e virtualmente. As vivências dos espaços da cidade no e pelo corpo constituem novas cartografias de conhecimento e são colocadas à prova, à medida que emergências são solicitadas. Retomando Benjamin, “quanto menos segura a cidade, mais necessário se faz viver nela”. Assim, o corpo revela quem é e de onde é e, por onde passa, pode estar habitando e construindo simultaneamente identidades.

Tendo como perspectiva esta relação de trânsito e multiplicidade de corpos e cidades, observamos que o propósito mais conhecido da intervenção urbana - que é o de ocupar espaços com objetos, imagens, sons, pessoas que instantaneamente oferecem suas identidades para projetar significações - parece perder o sentido.

As cidades se encontram, hoje, no centro de inúmeras preocupações voltadas para construção de um projeto de arte e cultura. Estão cada vez mais constantes as publicações e debates em políticas públicas que tratam especificamente do papel da cultura na transformação das cidades e, ao mesmo tempo, são evidentes as dificuldades em definir um cenário citadino que seria a sombra ou projeção destas manifestações culturais.

Para Canclini (2008), a cidade, há muito tempo, não pode mais ser compreendida apenas como um espaço construído em oposição ao campo, mas como resultado de tensões e conflitos humanos que ajudam a desenhar novas cartografias mentais e culturais: “Não agimos ou nos movemos orientados por mapas ou aparelhos GPS, mas também por uma cartografia mental e emocional que varia segundo os modos pessoais de experimentar as interações da cidade.”

Pensando no cenário múltiplo e camaleônico em que a cidade do Rio de Janeiro se inscreve - onde traços rurais convivem com espetacularizações e estranhas formas de apropriação como os tradicionais “churrasquinhos na calçada” -, como essa complexa rede de conexões heterogêneas em permanente transformação pode estar recriando nossos corpos e sendo recriada por eles?

Sem dúvida, o lugar da intervenção urbana não pode ser mais o de espaços ocupados segundo o modelo euclidiano, mas de experiências corporais de ambiências que possibilitem entendimentos e reorganizações contínuas destes contextos, estruturas e identidades. O mais relevante, nas perspectivas de intervenção urbana, seria olhar para a cidade como uma cartografia sobre a qual o corpo se justapõe, e provocar com esse olhar trocas de ações e novas orientações de movimentos. O corpo pode, dessa forma, orientar novas direções e filtrar acontecimentos numa dinâmica de sobreposição de signos e atos com a cidade.

Exemplos dessa dinâmica estão presentes nos corpos suados e sacolejantes ao ritmo do hip hop, que passaram 24 horas dançando no viaduto mais sujo e esquecido de São Paulo. Esta intervenção foi realizada pela Cia. Bartolomeu de teatro e criou um foco de dança naquele local após a sua ação. Não havia nada demais nesta intervenção, a não ser a realização do que aqueles corpos percebiam como uma tendência do lugar, que se tornaram evidentes pela ação da dança, reorientando as direções daquele espaço.

As cidades podem, negativamente, fixar a possibilidade de um corpo ou de movimentações. É necessário então problematizar a leitura dessas cartografias e propor diferentes vias de trânsito entre corpo e cidade. O comportamento imposto pela cidade pode ser radiografado e filtrado como um *gestus*. O interessante seria se perguntar, como essas

tensões da cidade instauram no corpo emergências de movimento e como poderíamos utilizar esses impulsos para ampliar as pesquisas de intervenção urbana.

Entendendo com o corpo as cartografias da cidade, podemos expandir os limites de articulação do movimento no urbano. As apropriações estéticas destes gestos caóticos e heterogêneos dialogam com outros corpos errantes, em temporalidades e dimensões distintas, reatualizando os múltiplos espaços impregnados de potenciais interativas da cidade.

### **Referências bibliográficas**

ADES, DAWN. *O Dada e o Surrealismo*. Barcelona: Editorial Labor S. A., 1976.

ARGAN, Giulio. *A arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BATTCKOCK, Gregory. *A nova arte*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DE CERTEAU, M. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1996.

DE DUVE, Thierry. *Kant depois de Duchamp*. Revista do Mestrado em História da Arte EBA.UFRJ, 1998.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles e Guatarri, Félix. Introdução: Rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995.

GARDEL, André. *O encontro entre Bandeira e Sinhô*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Divisão de Editoração, 1996.

GOLDBERG, RoseLee. *A arte da Performance – do futurismo ao presente*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

JACQUES, Paola Berenstein. *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JOÃO, do Rio. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LAGES, Suzana Kampff. *Benjamin – Tradução e Melancolia*. São Paulo: Ed. Edusp, 2003.

ROUANET, Sérgio Paulo. *A razão nômade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

Revista Observatório Itaú Cultural/ OIC – n.5 *Como a Cultura pode mudar a cidade.*  
(abr.jun.2008) – São Paulo, SP: Itaú Cultural, 2008.